



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CPF
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS DA VIDA – UACV
CURSO DE MEDICINA**

**EMERSON TIAGO SILVA DE OLIVEIRA
MURILO AUGUSTO MOREIRA
ZILDETE VIEIRA PEDROSA**

**COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DOS
CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE**

**CAJAZEIRAS – PB
2016**

**EMERSON TIAGO SILVA DE OLIVEIRA
MURILO AUGUSTO MOREIRA
ZILDETE VIEIRA PEDROSA**

**COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DOS
CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Unidade Acadêmica de Ciências da Vida da Universidade Federal de Campina Grande-PB, *Campus* Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do Título de Graduado em Medicina.

Orientadora: Prof^a Ms. Emmanuelle Lira Cariry

**CAJAZEIRAS – PB
2016**

**EMERSON TIAGO SILVA DE OLIVEIRA
MURILO AUGUSTO MOREIRA
ZILDETE VIEIRA PEDROSA**

**COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DOS
CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE**

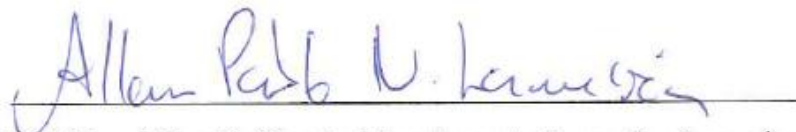
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado a Unidade Acadêmica de Ciências
da Vida da Universidade Federal de Campina
Grande – PB, *Campus* Cajazeiras, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Graduado em Medicina.

Aprovada em: 01/08/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª Ms. Emmanuelle Lira Cariry (Orientadora)
UAVC/UFCG/CFP



Prof. Dr. Allan Pablo do Nascimento Lameira (membro)
UAVC/UFCG/CFP



Servidora Dra. Eliane de Sousa Leite (membro)
UAENF/UFCG/CFP

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

M838c Moreira, Murilo Augusto.

Comportamento sexual de estudantes universitários dos cursos da área da saúde da Universidade Federal de Campina Grande / Murilo Augusto Moreira, Emerson Tiago Silva de Oliveira, Zildete Vieira Pedrosa. - Cajazeiras, 2016.

50f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Ma. Emmanuelle Lira Cariry.

Monografia (Bacharelado em Medicina) UFCG/CFP, 2016.

MOREIRA, M. A.; OLIVEIRA, E. T. S.; PEDROSA, Z. V. **Comportamento sexual de estudantes universitários dos cursos da área da saúde da Universidade Federal de Campina Grande**. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Medicina, Universidade Federal de Campina Grande, 2016.

RESUMO

Introdução: Os estudantes universitários formam um grupo heterogêneo de pessoas com comportamentos sexuais distintos, sendo comum, entre eles, a adoção de comportamentos sexuais de risco. **Objetivos:** O estudo objetiva conhecer o comportamento sexual de jovens universitários dos cursos da área da saúde da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* Cajazeiras – PB, com idades entre 16 e 35 anos, de ambos os sexos e estado civil variado, identificar os comportamentos sexuais de risco na população estudada; e, relacionar o grau de conhecimento dos estudantes de enfermagem e medicina sobre a temática sexual de risco com o comportamento sexual por eles adotado. **Método:** Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva com abordagem quantitativa. Os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário composto de 20 questões objetivas, abordando dados sócio demográficos e os relacionados à temática do estudo. **Resultados:** Os resultados obtidos revelaram que os universitários tiveram iniciação sexual precoce e que apresentam comportamento sexual de risco. **Conclusão:** Não há uma relação direta entre o nível de conhecimento sobre a temática sexual de risco e as práticas de sexo seguro por parte dos estudantes da área de saúde.

Palavras-chave: Comportamento sexual de risco. Sexo seguro. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

MOREIRA, M. A.; OLIVEIRA, E. T. S.; PEDROSA, Z. V. **Sexual behavior of university students in health courses of the Federal University of Campina Grande.** 50 f. Completing work medical school, Federal University of Campina Grande, 2016.

ABSTRACT

Introduction: The college students are a heterogeneous group of people with different sexual behaviors and is common among them the adoption of risky sexual behavior. **Objectives:** The study aimed to evaluate the sexual behavior of university students of health courses at the Federal University of Campina Grande, Campus Cajazeiras - PB; identify sexual risk behavior in the population studied; and relate the degree of knowledge of nursing and medical students about sexual theme of risk sexual behavior adopted by them. **Method:** This is an exploratory-descriptive research with quantitative approach. Data were obtained by applying a questionnaire composed of 20 objective questions, addressing demographic data partner and the related topic of study. **Results:** The results revealed that the university had early sexual initiation and presenting risky sexual behavior. **Conclusion:** There is no direct relationship between the level of knowledge about the sexual theme of risk and safe sex practices by the students in the health area.

Keywords: Sexual risk behavior. Safe sex. Sexually Transmitted Infections.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo a faixa etária - período 2015.2.....	19
Tabela 2 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo o sexo – período 2015.2.....	20
Tabela 3 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo religião declarada - período 2015.2.....	23
Tabela 4 - Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo com quem mora - período 2015.2.....	25
Tabela 5 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, informando com quem foi a primeira relação sexual - período 2015.2.....	30
Tabela 6 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo o número de relações sexuais desprotegidas por categorias do estado civil- período 2015.2.....	36
Tabela 7– Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, que fazem sexo sem camisinha - período 2015.2.....	38
Tabela 8 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo o número de relações sexuais desprotegidas e se fez teste de HIV - período 2015.2.....	39
Tabela 9 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, que realizaram teste de HIV/Aids - período 2015.2.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de enfermagem da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo o estado civil - período 2015.2.	21
Gráfico 2 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo o estado civil - período 2015.2.	21
Gráfico 3 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina e enfermagem da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo a vida sexual ativa e a religião- Período 2015.2.....	24
Gráfico 4 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de enfermagem da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo a orientação sexual - período 2015.2.....	26
Gráfico 5 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo a orientação sexual - período 2015.2.....	27
Gráfico 6 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina e enfermagem da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo a vida sexual ativa- período 2015.2.....	31
Gráfico 7 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de enfermagem e medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, se pergunta sobre os hábitos sexuais de seu(s) parceiro(s). Período 2015.2.....	32
Gráfico 8 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, que revelaram o número de parceiros sexuais e consideram que os parceiros podem transmitir DST- período 2015.2.	33
Gráfico 9 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, que revelaram o número de parceiros sexuais e consideram que eles podem transmitir DST- período 2015.2.....	34
Gráfico 10 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, que tiveram relações sexuais desprotegidas e estado civil. Período 2015.2.....	35
Gráfico 11 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos medicina da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, que tiveram relações sexuais desprotegidas e estado civil. Período 2015.2.	35
Gráfico 12 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina e enfermagem da UFCG, <i>Campus</i> Cajazeiras, segundo o tipo de sexo praticado. Período 2015.2.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	10
3 REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1 COMPORTAMENTO SEXUAL: ASPECTOS HISTÓRICOS	11
3.2 COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO	12
3.3 VIDA SEXUAL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	13
4 MÉTODOS	15
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	15
4.2 LOCAL DO ESTUDO	15
4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	16
4.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	17
4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	17
4.6 ANÁLISE DOS DADOS	18
4.7 ASPECTO ÉTICO DA PESQUISA	18
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5.1 PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	19
5.2 SEXUALIDADE DOS ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE	26
6 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	46
ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa.....	46
APÊNDICES	48
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	48
APÊNDICE B - Instrumento de Coleta de Dados	50

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade humana, diferente da dos demais animais, é regida não apenas pelos princípios reprodutivos, mas também pela busca do prazer e liberação do estresse. Foi a partir do século XIX que o desejo sexual passou a ser valorizado e entendido como fonte de equilíbrio, prazer e bem estar do ser humano. Existe ainda uma forte influência cultural nas práticas sexuais da sociedade. Sendo que, nem todas as práticas sexuais são aceitas por todos (NEVES, 2011).

O comportamento sexual de risco é caracterizado como aquele no qual o indivíduo apresenta grandes chances de contrair uma Doença Sexualmente Transmissível (DST) ou uma gravidez indesejada, sendo a relação sexual desprotegida o principal comportamento sexual de risco (XAVIER, 2005).

Os estudantes universitários formam um grupo heterogêneo de pessoas com comportamentos sexuais distintos, sendo comum, entre eles, a adoção de comportamentos sexuais de risco. A falta de conhecimento dos métodos contraceptivos, iniciação sexual precoce, baixa escolaridade, uso de álcool e outras drogas, estrutura familiar e a religião são apontados como possíveis fatores determinantes desse comportamento (SANT'ANNA et al., 2008; FERREIRA; TORGAL, 2010).

Pelas razões acima expostas considerou-se importante realizar a referida pesquisa para conhecer o comportamento sexual de estudantes universitários dos cursos da área da saúde na Universidade Federal de Campina Grande - PB, com idades entre 16 e 35 anos, de ambos os sexos e estado civil variado.

A pesquisa propõe-se responder às seguintes indagações: quais os comportamentos sexuais de risco adotados pelos jovens acadêmicos? O conhecimento dos jovens universitários sobre os métodos de sexo seguro e contraceptivo influencia o comportamento sexual?

A escolha deste tema justifica-se pelo preocupante aumento da prevalência e da incidência da AIDS na população jovem, bem como pelo interesse dos alunos - autores deste trabalho, na condição de concludentes do Curso de Medicina desta Universidade, em identificar os pontos vulneráveis da conduta sexual dos jovens universitários dos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus Cajazeiras* – PB.

Este estudo não esgota a literatura médica publicada sobre o assunto, por ser vastíssima, nem tampouco abrange o conjunto de Políticas Públicas Nacionais, Estaduais e Municipais sobre o tema, mas adota como critério selecionar e apresentar estudos publicados

nos últimos 10 (dez) anos sobre o comportamento sexual da população jovem e seus riscos e focar as Políticas Públicas destinadas à prevenção das infecções e doenças sexualmente transmissíveis.

Com base em pesquisa bibliográfica foi realizado um referencial teórico que consistiu numa revisão da literatura nacional sobre o tema, utilizando livros, revistas e artigos publicados nos últimos dez anos. A pesquisa bibliográfica incluiu artigos originais, em língua portuguesa e artigos de revisão de literatura.

Para o profissional da área da saúde, especialmente o graduado em medicina, é de extrema importância conhecer e compreender os fatores que influenciam o comportamento sexual dos jovens, identificando os riscos a que estão sujeitos, tendo por escopo o embasamento empírico dessa questão e, assim, poder atuar na prevenção de práticas sexuais de risco na população estudada.

Este trabalho está dividido em capítulos: no primeiro capítulo apresenta-se uma visão geral do tema investigado, a questão problema norteadora da pesquisa, a justificativa de escolha do tema; no segundo capítulo estão descritos os objetivos do trabalho; no terceiro capítulo apresenta-se o referencial teórico que fundamentou a pesquisa; no quarto capítulo de metodologia são descritos os métodos empregados na pesquisa; no quinto capítulo são apresentados os resultados obtidos e as análises textuais dos dados e informações colhidos; no sexto capítulo de conclusão, os autores oferecem uma avaliação dos fatores que de fato influenciam o comportamento sexual dos jovens, identificando os riscos a que estão sujeitos, propondo medidas para a sua prevenção.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer o comportamento sexual de jovens universitários dos cursos da área da saúde da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus Cajazeiras* – PB;

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Identificar os comportamentos sexuais de risco na população estudada;

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 COMPORTAMENTO SEXUAL: ASPECTOS HISTÓRICOS

A sexualidade faz parte da conduta dos indivíduos nas mais variadas faixa etárias. A sexualidade é uma realidade complexa e, como tal, não pode ser explicada por um único ponto de vista, sendo, portanto, o resultado de várias interrelações feitas a partir de várias ciências (GOMES, 2008; NEVES, 2011).

De acordo com o Ministério da Saúde (2010) a sexualidade diz respeito a um conjunto de características humanas que se traduz nas diferentes formas de expressar a libido, energia pela qual se manifesta a capacidade de se ligar às pessoas, ao prazer/ desprazer, aos desejos, às necessidades, à vida.

Reis e Matos (2008) afirmam que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, tendo influência, portanto, na saúde física e mental do ser humano.

O comportamento sexual humano, diferente do comportamento dos demais animais, não é regido apenas pelos princípios reprodutivos, mas também pela busca do prazer e de liberação do estresse (NEVES, 2011).

Uma análise histórica da sexualidade humana revela como a cultura influencia no comportamento sexual das diversas sociedades. Por exemplo, na civilização grega, “a sexualidade volta-se num caráter religioso”. Para os gregos, a mulher era vista como uma propriedade do homem, devendo ser totalmente submissa à vontade de seu senhor. O homem, por sua vez, não possuía nenhuma restrição ao seu comportamento sexual, podendo manter relações sexuais, dentro e fora do casamento, com mulheres e homens (DUARTE; CRISTIANO, 2012). Durante a Idade Média, o comportamento do ser humano, em todos os aspectos da vida, era controlado pela ideologia da Igreja. A sexualidade era entendida como pecado e o sexo se destinava apenas à função reprodutiva. As pessoas que expressavam a sua sexualidade eram severamente punidas (NUNES, 1987 *apud* DUARTE; CRISTIANO, 2012).

Na Idade Moderna, apesar do pensamento religioso não controlar mais todos os aspectos da vida do ser humano como na Idade Média, a repressão sexual continuou. Duarte e Cristiano (2012) afirmam que, nesta época, a sexualidade deveria ser reprimida e comportamentos como a masturbação deveriam ser condenados e considerados anômalos.

A partir do século XIX o desejo sexual passou a ser valorizado e entendido como fonte

de equilíbrio, prazer e bem estar do ser humano que passou também a buscar o prazer e a enxergar o sexo como uma forma de liberação do estresse. Existe ainda uma forte influência cultural nas práticas sexuais da sociedade (NEVES, 2011).

Segundo Mariano (2016), a sexualidade feminina era hierarquicamente subordinada aos homens. Os costumes patriarcais atribuíam maior importância às atividades masculinas em detrimento às atividades femininas onde, a partir dessa hegemonia, foi legitimado o controle do corpo, da sexualidade e da autonomia feminina, estabelecendo papéis sociais e sexuais em que o gênero masculino possuía mais vantagens. O casamento monogâmico era considerado o que mais expressava os instintos sexuais de uma forma saudável, pois o mesmo era considerado como a forma ideal e cristã, capaz de legitimar as uniões entre os sexos.

Na sociedade atual, o capitalismo tornou o sexo um bem de consumo. “A sexualidade é tratada de forma banal, influenciando no comportamento de jovens e adolescentes” à prática desenfreada de impulsos e desejos sexuais (SPITZNER, 2005 apud DUARTE; CRISTIANO, 2012), o que contribui para a prática de comportamentos sexuais de risco.

3.2 COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO

O comportamento sexual de risco é caracterizado como aquele no qual o indivíduo apresenta grandes chances de contrair uma Doença Sexualmente Transmissível (DST) ou uma gravidez indesejada, sendo a relação sexual desprotegida o principal comportamento sexual de risco. Vários estudos definem comportamento sexual de risco como a prática de sexo desprotegido (sem preservativo) e possuir vários parceiros sexuais (LI et al., 2000; ANTUNES et al., 2002; MALOW et al., 2001; TRAJMAN et al., 2003 apud XAVIER, 2005). No entanto, outros estudos levam em consideração também a prática sexual com profissionais do sexo (MILLER, 2001, TRAJMAN et al., 2003 apud XAVIER, 2005).

A primeira relação sexual é um fato importante na vida de qualquer pessoa e tem ocorrido cada vez mais cedo, sendo que os jovens masculinos tem iniciado a vida sexual mais precocemente que as jovens de sexo feminino. As práticas sexuais na juventude, quando se configuram como práticas de risco, podem acarretar impactos significativos na vida dos jovens. (BARBALHO; SANTOS, 2010).

Segundo Xavier (2005), em sua dissertação de mestrado, na qual afirma que, de acordo com a literatura, cerca de um a dois terços da população não faz uso de preservativos durante a relação sexual. O sexo desprotegido pode trazer várias consequências para aqueles

indivíduos que o praticam. Dentre tais consequências podem ser citadas a gravidez indesejada e as infecções sexualmente transmissíveis.

A crescente epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e também a grande possibilidade de gravidez indesejada fazem com que a sexualidade passe a ser considerada um problema de urgência social e epidemiológica (REIS; MATOS, 2008).

Por sua vez, a epidemia de AIDS tem crescido entre adolescentes e jovens. Verifica-se que no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) foram notificados, no período de 2000 a 2006, 19.793 casos de AIDS, em jovens de 13 a 24 anos, o que representa 80% dos casos identificados nesse período, que foi de 24.603 casos (BRASIL, 2010).

A falta de conhecimento dos métodos contraceptivos pode contribuir para esse comportamento de risco. No entanto, não é o único fator, pois os jovens universitários apesar de conhecerem os métodos contraceptivos, não os utilizam, e os motivos para isso são os mais variados possíveis (SANT'ANNA et al., 2008).

Ferreira e Torgal (2010) acrescentam que o início da prática sexual tem sido cada vez mais precoce sem, contudo, está associado a uma educação sexual consistente. Tudo isso pode ser favorável à adoção de comportamentos sexuais de risco.

Há algumas tentativas de identificar fatores de risco que tornam os jovens mais vulneráveis a este comportamento sexual de risco tais como baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade, uso de álcool e outras drogas, a estrutura familiar entre outros (CRUZEIRO et al., 2010).

Sobre a religião, Coutinho, Machado e Miranda-Ribeiro (2011) afirmam que a religiosidade está associada ao adiamento da iniciação sexual e quanto maior a influência, maior o tempo de adiamento, independente da sua denominação religiosa. Hoga et al. (2013) ressalta que a relação entre prática sexual e religião não guarda relação com a renda familiar.

3.3 VIDAS SEXUAL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Os estudantes universitários formam um grupo heterogêneo de pessoas com sexualidade distinta, sendo comum, entre eles, a adoção de comportamentos sexuais de risco. A maior parcela dos estudantes universitários está incluída na faixa etária de 17 a 24 anos, no qual a inserção na universidade representa uma etapa de transição para a vida adulta. Na universidade, o aluno vivencia diversas situações novas, que em conjunto com uma sociedade negligente e com apelos excessivos a erotização, levam os jovens a comportamentos sexuais de risco (SANT'ANNA et al., 2008).

A forma como os estudantes manifestam a sua sexualidade varia de uma pessoa para outra, de forma que existem estudantes que possuem uma vida sexual saudável e com relacionamentos estáveis. Por outro lado, existem alunos com certa promiscuidade em suas relações sexuais. Essa promiscuidade relaciona-se, além dos apelos midiáticos, com a influência de outros jovens e também com o fato de muitos se distanciarem dos seus familiares e, conseqüentemente, passarem a viver sem a orientação de um responsável (NEVES, 2011).

Costa e Cardoso (2012), em seu estudo, mostram que cerca de 71% dos jovens universitários já apresentam vida sexual ativa com a primeira relação sexual acontecendo em média aos 16 anos. Já Sant'Anna (2008) mostra que, dos estudantes universitários pesquisados, 85,3% tinham vida sexual ativa com a primeira relação sexual acontecendo em média aos 17 anos.

Estudos indicam que apesar de haver o conhecimento quanto ao uso de preservativos, muitos universitários não os usam de forma adequada, aumentando os riscos de transmissão de DST's ou de uma gravidez indesejada, ou simplesmente não usam pelo medo de um desempenho sexual abaixo das expectativas, além da existência de relacionamentos mais estáveis que favorecem o descuido quanto ao uso de camisinha (BARBALHO; SANTOS, 2010).

Gomes (2008) afirma que as características psicossociais dos universitários, a exemplo da saída da casa dos pais, maior liberdade sexual e econômica e, também, o estabelecimento de maiores relações interpessoais, promovem os comportamentos sexuais de risco, o que aumenta os índices de incidência da AIDS. Isto tem estimulado a investigação na área da sexualidade humana.

Xavier (2005) acrescenta que a maioria dos estudos na área do comportamento sexual é realizada com populações específicas – homossexuais, usuários de drogas, profissionais do sexo. No entanto, as pesquisas pouco tem se dedicado a entender o comportamento sexual de risco na população geral de jovens (PAIVA et al., 2003).

4 MÉTODO

4.1 TIPO DE ESTUDO

A metodologia consiste em uma série de regras com a finalidade de resolver determinado problema ou explicar um fato por meio de hipóteses ou teorias que devem ser testadas experimentalmente e podem ser comprovadas ou refutadas (MARCONI; LAKATOS, 2008).

A pesquisa é do tipo exploratória-descritiva com abordagem quantitativa. A pesquisa exploratória procura oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado, oferecendo dados elementares para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema. Por sua vez, a pesquisa descritiva procura escrever as características de um objeto de estudo ou, ainda, descobrir a existência de relação entre as variáveis (GONSALVES, 2007).

A pesquisa quantitativa se centra na objetividade, sendo influenciada pelo positivismo. Esta recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, além de considerar que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. (FONSECA, 2002 apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

4.2 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado na Universidade Federal de Campina Grande *Campus* Cajazeiras (UFCG – CZ). A UFCG – CZ foi criada a partir do desmembramento dos *Campi* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) através da lei nº 10.419 de 09 de abril de 2002. A partir da data do desmembramento, os *Campi* de Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras passaram a integrar a UFCG. Posteriormente foram criados os *Campi* de Pombal, Cuité e Sumé. Os cursos de graduação da área da saúde ofertados pela UFCG - CZ são Medicina e Enfermagem.

O curso de bacharelado em Enfermagem foi criado pela Resolução da Câmara Superior de Ensino/UFCG nº 09/2008, sendo reconhecido pelo MEC pela portaria 187/2012. A grade curricular deste curso é composta por 09 (nove) períodos acadêmicos dos quais os dois últimos são destinados aos estágios curriculares. No penúltimo período do curso os

alunos cumprem o Estágio Supervisionado I – Rede Básica de Saúde que deve ser realizado nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de Cajazeiras – PB. Já no último período, os discentes devem cumprir o Estágio Supervisionado II – Rede Hospitalar que, por sua vez, é realizado no Hospital Universitário Júlio Bandeira, no Hospital Regional de Cajazeiras, ambos em Cajazeiras – PB e, também, Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC) no município de Campina Grande – PB.

Por sua vez, o curso de bacharelado em Medicina foi criado em 2007 e reconhecido pelo MEC pela portaria MEC/SERES 79 de 19 de fevereiro de 2013. A grade curricular do curso está dividida em 12 (doze) períodos acadêmicos, sendo que os quatro últimos períodos são reservados para o cumprimento dos estágios supervisionados em Clínica Médica, Saúde Coletiva, Pediatria, Cirurgia e Ginecologia e Obstetrícia que devem ser cumpridos dentro da unidade federativa e até 25% (vinte e cinco por cento) podem ser cumpridos fora da unidade federativa.

Até o ano de 2010, a forma de ingresso na UFCG era através de processo vestibular tradicional realizado pela Comissão de Processos Vestibulares (COMPROV). O número de ingressos no curso de Enfermagem era de 30 (trinta) alunos por semestre letivo e, para o curso de Medicina, 40 alunos por semestre. Porém, em 2011, a UFCG – CZ adotou como critério de seleção o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, somente em 2014 houve adesão ao Sistema de Seleção Unificado (SISU).

Houve ainda outra mudança, em 2011, em relação ao número de alunos ingressantes no curso de Medicina. A partir do referido ano seriam apenas 30 alunos novos por ano ao invés de 80 alunos por ano. Essa redução no número de vagas foi determinada pelo MEC para que a rede de saúde da Paraíba pudesse atender as demandas do curso de Medicina.

A pesquisa foi realizada dentro do campus da UFCG – CZ, nos Cursos de Enfermagem e Medicina, conforme proposta apresentada no Projeto de Pesquisa.

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população foi composta por estudantes universitários regularmente matriculados nos cursos de graduação em Medicina e Enfermagem oferecidos pela UFCG – CZ, no período letivo 2015.2. No momento da coleta de dados, o curso de Medicina possuía 156 alunos regularmente matriculados. Já o curso de Enfermagem contava com 253 alunos regularmente matriculados, totalizando 409 estudantes, no período 2015.2.

Devem-se fazer algumas observações quanto aos dados acima. Dos 156 alunos matriculados no curso de Medicina, 29 estavam concluindo o curso e não participaram do estudo, pois estavam se desvinculando do curso, no momento da coleta de dados. Um outro aluno ingressou no curso por meio de medida judicial, porém, só iniciará o curso no período 2016.1, o que também o excluiu da pesquisa. Por estes motivos, o curso de Medicina passou a contar com 126 alunos, no período 2015.2.

O cálculo da amostra usou como parâmetros um erro amostral de 5% e nível de confiança de 95%. Desta forma, a amostra deveria ser composta por 96 alunos de Medicina e 145 alunos de Enfermagem, somando 241 estudantes que se enquadravam no perfil do estudo.

Foi considerado como critério de inclusão na pesquisa os alunos que:

- estivessem regularmente matriculados nos cursos de Medicina ou Enfermagem da UFCG – CZ no período 2015.2;

Dos 126 alunos que cursavam Medicina, 82 estudantes (65%) quiseram participar da pesquisa ou estavam presentes na hora da coleta de dados. Dos 253 alunos que cursavam Enfermagem, 148 alunos (59%) responderam a pesquisa ou estavam presentes na coleta dos dados.

4.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado e validado no estudo de Costa e Cardoso (2012), com algumas modificações para atender as necessidades deste estudo. O questionário é composto por 20 questões de múltipla escolha, abordando aspectos sociodemográficos, psicossociais e sexuais dos entrevistados (Apêndice B).

4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Após apreciação e aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFCG – CZ, foi elaborado um ofício solicitando à Direção da UFCG – CZ autorização para a realização da pesquisa dentro da instituição.

O contato com os sujeitos da pesquisa foi realizado das seguintes formas: para os alunos que estavam residindo em Cajazeiras – PB, o contato foi realizado em horário regular de aula, no mês de fevereiro de 2016; já com os alunos que provisoriamente estavam residindo em João Pessoa - PB, Campina Grande - PB ou Fortaleza –CE e com os que estavam em férias dos estágios, o contato foi realizado ou por meio de visita aos hospitais no

horário dos respectivos estágios ou por versão eletrônica do formulário, também durante o mês de fevereiro de 2016.

Os pesquisadores explicaram a importância da pesquisa, bem como a garantia do anonimato dos participantes e das informações cedidas por eles. Após esta explanação inicial, os participantes assinaram os TCLEs e preencheram os questionários.

4.6 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos foram inseridos em uma estrutura de banco de dados criada no Microsoft Excel 2010 por meio de digitação tripla. Após a digitação de todos os dados, foi feita a consistência lógica do banco de dados seguida da análise dos dados e da construção de gráficos e tabelas que mostram a frequência e a porcentagem das informações obtidas.

4.7 ASPECTO ÉTICO DA PESQUISA

Na realização da pesquisa foram levados em consideração os requisitos apresentados pela Resolução 466/2012, relativa à pesquisa com seres humanos, privilegiando a dignidade e respeito pelos sujeitos da pesquisa (BRASIL, 2012). Foram observados os aspectos relacionados à privacidade e os direitos do participante, de participar por livre e espontânea vontade, podendo desistir em qualquer momento ou ter acesso a todo o conteúdo deste trabalho. Dessa forma, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Campina Grande, sendo aprovado através da emissão de um protocolo e certidão expedida pelo referido Comitê (anexo A). Salienta-se ainda, que todos os participantes foram informados e esclarecidos sobre a temática e o caráter científico da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que se considerassem as suas respostas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Com relação ao Curso de Medicina, 63,5% dos alunos (as) têm idades inferiores a 25 anos, porém ressaltando-se que apenas 17,1% desses alunos estão com idade entre 16 a 20 anos.

Os alunos (as) do Curso de Enfermagem com idades inferiores a 25 anos representam 83,1% desse grupo pesquisado, dos quais 42,6% estão incluídos na faixa etária de 16 a 20 anos.

Tabela 1 – Número de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo a faixa etária - período 2015.2.

Idade	CURSOS					
	Nº	Enfermagem		Medicina		Total Geral
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
16 - 20	63	42,6	14	17,1	77	33,6
21 - 25	60	40,5	38	46,4	98	42,6
26 – 30	18	12,2	28	34,1	46	20,0
31 - 35	7	4,7	2	2,4	9	3,9
Total Geral	148	100	82	100	230	100

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

No curso de medicina é significativo o percentual de alunos com idades entre 26 a 35 anos (36,5%), enquanto esta mesma faixa etária no curso de enfermagem é consideravelmente menor, representando esta faixa etária apenas 16,9% dos alunos entrevistados.

A média de idade da amostra do curso de enfermagem é de 21 anos, enquanto que a média de idade na amostra do curso de medicina é de 24 anos.

O intervalo modal por faixa etária no curso de enfermagem é 16 a 20 anos, enquanto que no curso de medicina o intervalo modal é de 21 a 25 anos.

Percebe-se uma predominância de pessoas mais jovens nestes dois cursos universitários, o que é denotado pelo baixo percentual de estudantes com idade igual ou superior a 31 anos em ambos os cursos – 4,7% em enfermagem e 2,4% em medicina.

Conforme se observa na Tabela 2, no curso de enfermagem a amostra foi composta de 80,4% de estudantes do sexo feminino e apenas 19,6% de estudantes do sexo masculino, havendo, portanto, predominância de mulheres o que reflete diretamente o contexto vigente no curso de enfermagem, cuja proporção de mulheres é superior a de homens. Já no curso de medicina, há predominância de estudantes do sexo masculino na amostra (56,1%), mas observa-se uma participação significativa de mulheres (43,9%), o que também reflete o contexto de gênero nesse curso.

Tabela 2 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, *Campus* Cajazeiras, segundo o sexo - período 2015.2.

Sexo	CURSOS					
	Enfermagem		Medicina		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Feminino	119	80,4	36	43,9	155	67,4
Masculino	29	19,6	46	56,1	75	32,6
Total Geral	148	100	82	100	230	100

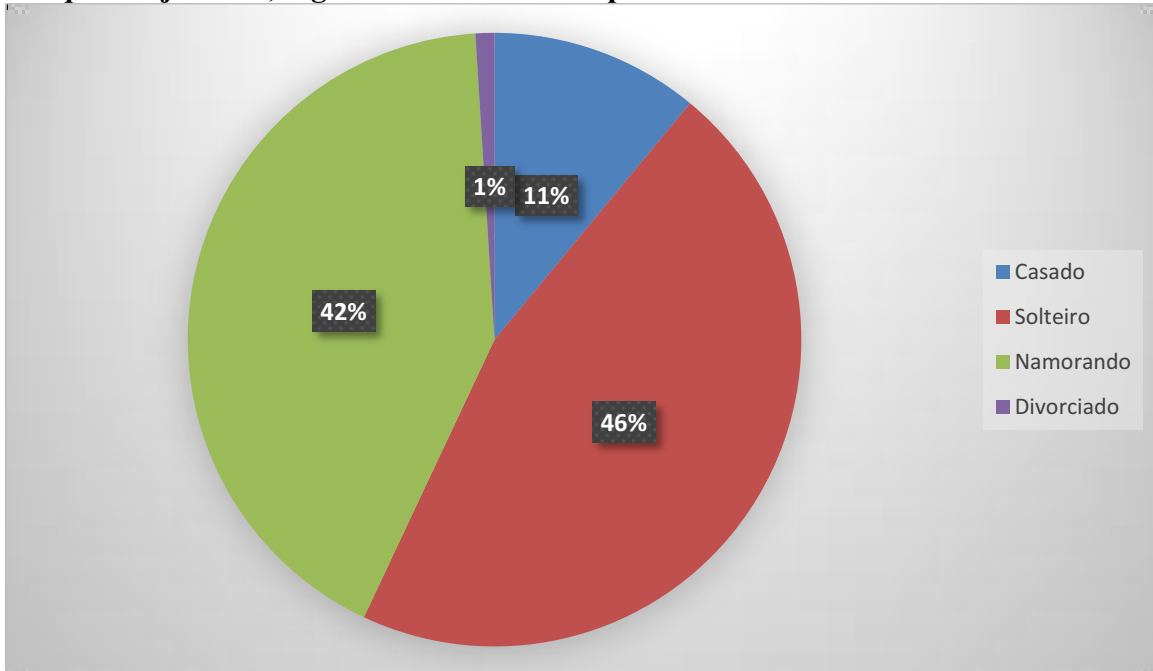
Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

No cômputo geral da amostra há predominância de pessoas do sexo feminino na pesquisa (67,4%), tendo concorrido para esse perfil amostral a participação das mulheres na composição da amostra do curso de enfermagem.

O estado civil dos estudantes de enfermagem é composto por solteiros (46%) e solteiros namorando (42%). Os casados representam 11% e os divorciados 1% (gráfico 1).

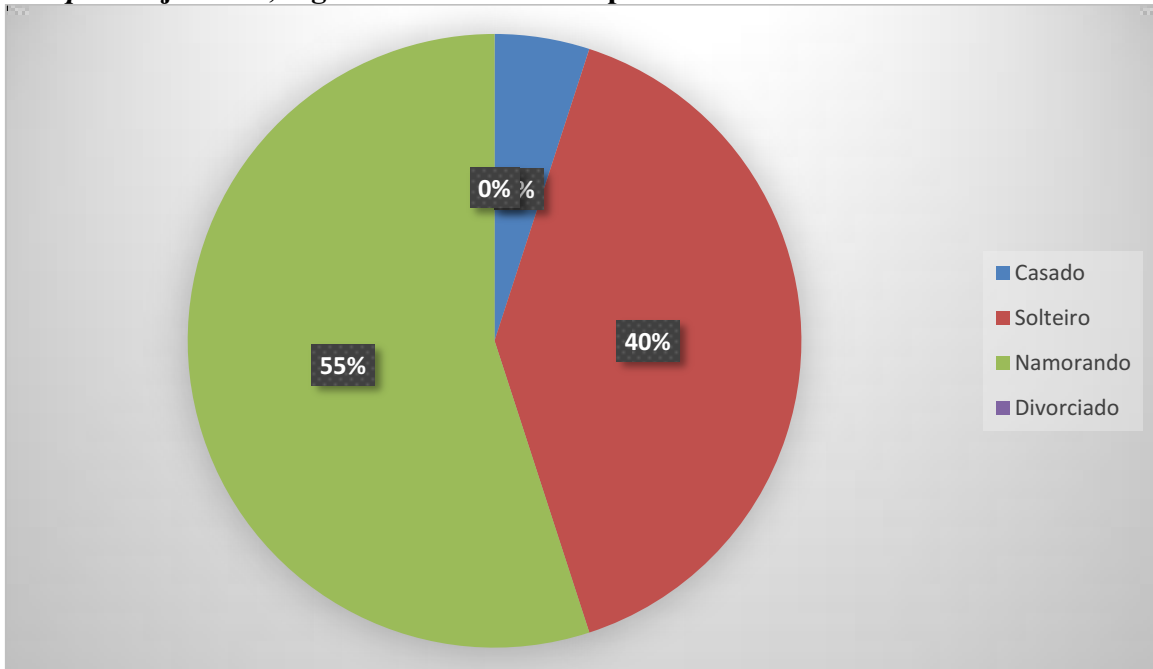
O Gráfico 2 revela a distribuição percentual do estado civil dos estudantes pesquisados no curso de medicina, mostrando o predomínio de solteiros (40%) e solteiros namorando (55%), poucos casados (5%) e nenhum divorciado.

Gráfico 1 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de enfermagem da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo o estado civil - período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

Gráfico 2 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo o estado civil - período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

Os estudos realizados em outros cursos de medicina e enfermagem revelam o mesmo perfil de sexo, idade e estado civil encontrado neste estudo. Por exemplo, no curso de medicina da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 52,8% da população estudada

possuía entre 21 e 25 anos, 58% era do sexo masculino e 93% solteiro; já no curso de enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo 71,6% da população estudada apresentava idade entre 16 – 19 anos, 94% era do sexo feminino e 96% solteiro (CARDOSO FILHO et al., 2015; WETTERICHI; MELO, 2007). Desta forma, os dados apresentados pelos estudos acima corroboram com o presente estudo.

Conforme Alves (2009, p. 7) “Os papéis sexuais variam de cultura para cultura e de época para época sendo forjados socialmente”.

“A vivência da sexualidade não paira nos ares, nem é algo desconectado de um dado fundamental: a cultura” (CAVALCANTI, 1992, p.15). É esperado um certo comportamento tanto do homem como da mulher e qualquer desvio é reprimido, pois: “As formas de expressão do desejo sexual não são inatas, elas são aprendidas pela experiência social e definidas pela cultura” (GREEN;TRINDADE, 2005 apud ALVES, 2009, p.7).

A religião sempre funcionou como um freio à liberação do comportamento sexual e como uma disciplinadora do “certo” e do “errado” em termos morais, incluindo a sexualidade.

Entretanto, no mundo contemporâneo o aspecto controlador da religião perdeu muito sua força com os conceitos de liberação total a partir da revolução sexual iniciada na década de 60, fato que evoluiu para uma experiência social de liberação e de libertinagem.

Hoje, lamentavelmente, o que se vê é um desregramento no comportamento sexual das pessoas e um afrouxamento dos controles institucionais por parte das religiões, da família e das escolas. Os jovens, como os desta pesquisa, têm uma iniciação sexual precoce e adotam práticas sexuais de risco, como ter vários parceiros sexuais.

Quanto ao aspecto religioso, os dados relativos aos estudantes de enfermagem evidenciados na Tabela 3 mostram que a maior frequência é de católicos (84,4%); destes 18,4% não são praticantes, 78,4% são praticantes e 3,2% não responderam. A segunda maior frequência é de evangélicos com 9,4% de participação, dos quais se declararam não praticantes 28,6% e 71,4% afirmaram ser praticantes. Nenhum ateu entre os alunos de enfermagem, mas 1,4% declarou-se agnóstico. Os espíritas representam nesse grupo menos de 1% e alguns (3,4%) declararam não ter nenhuma religião.

Os dados relativos aos estudantes de medicina evidenciaram que a maior frequência é de católicos (64,7%); destes 20,7% não são praticantes e 79,3% são praticantes. A segunda maior frequência é de evangélicos com 17,1% de participação, dos quais se declararam não praticantes 14,3% e 85,7% afirmaram ser praticantes. Disseram ser ateus 3,7% dos estudantes de medicina e 2,4% declararam-se agnósticos. Os espíritas representam 3,6%, e a proporção

de alunos de medicina sem nenhuma religião é de 8,5%. Da mesma forma, no curso de medicina da UERN, em 2013, houve um predomínio de católicos (CARDOSO FILHO et al., 2015).

Os dois grupos somados apresentam uma maioria católica (77,4%), dos quais mais de 2/3 são praticantes; os evangélicos são a segunda religião mais frequente (12,2%) com mais de 2/3 praticantes. No total, espíritas, agnósticos e ateus, cada uma delas, participam com menos de 2% de frequência. Os que declararam não ter nenhuma religião correspondem a 5,2% e 0,4 % não responderam.

Tabela 3 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, *Campus Cajazeiras*, segundo religião declarada - período 2015.2.

RELIGIÃO	CURSOS					
	ENFERMAGEM		MEDICINA		TOTAL GERAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agnóstico	2	1,4	2	2,4	4	1,7
Ateu	-	-	3	3,7	3	1,3
Católico	125	84,4	53	64,7	178	77,4
Não praticante	23	18,4	11	20,7	34	19,1
Praticante	98	78,4	42	79,3	140	78,7
Não responderam	4	3,2	-	-	4	0,2
Espírita	1	0,7	3	3,6	4	1,7
Não praticante	-	-	1	33,3	1	25
Praticante	1	100	2	66,7	3	75
Evangélico	14	9,4	14	17,1	28	12,2
Não praticante	4	28,6	2	14,3	6	21,4
Praticante	10	71,4	12	85,7	22	78,6
Nenhuma	5	3,4	7	8,5	12	5,2
Não responderam	1	0,7	-	-	1	0,4
TOTAL GERAL	148	100	82	100	230	100

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

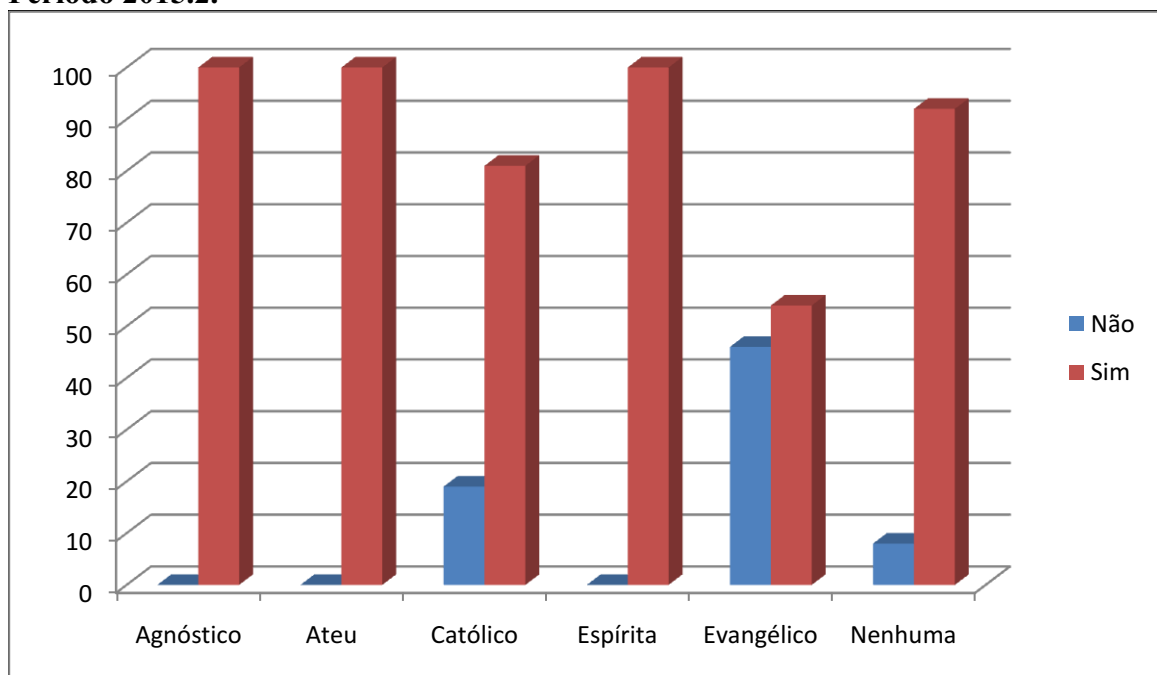
A religião, em épocas passadas, tinha uma influência mais poderosa sobre a sexualidade humana, pois a moral cristã, muçumana, budista e outras, de um modo geral, estabeleceram regras para os relacionamentos sexuais entre pessoas, associando a sexualidade ao pecado, quando não praticado dentro dos padrões estabelecidos por estas religiões (ALVES, 2009).

De um modo geral, as religiões aceitam o sexo como mecanismo reprodutivo e exclusivamente dentro do casamento. Para a religião cristã, o sexo é criação de Deus e deve ser vivido prazerosamente dentro do casamento. Assim, o sexo fora do casamento constitui grave transgressão aos dogmas da Igreja e, portanto, os solteiros estão impedidos, do ponto de vista religioso, de desenvolver relações sexuais antes do casamento (MENEZES; SANTOS, 2013).

Observa-se no Gráfico 3 que 100% dos agnósticos, espíritas e ateus têm vida sexual ativa, bem como 81% dos católicos, 54% dos evangélicos e 92% dos alunos que informaram não ter nenhuma religião. No grupo de evangélicos o percentual dos não ativos é mais elevado (46%), provavelmente porque há uma conscientização mais sistemática da doutrina cristã entre os seus membros, especialmente com relação à proibição do sexo entre solteiros e fora do casamento. As igrejas evangélicas aplicam um programa comum a todas sobre “O prazer da Espera” que influencia fortemente a opção dos jovens em relação ao sexo, ainda que já tenha sido iniciado na vida sexual. Esta é, provavelmente, a razão pela qual os 46% dos evangélicos abstêm-se de sexo.

Nota-se que nenhuma religião constituiu freio ao exercício da sexualidade ativa entre os estudantes pesquisados, não havendo diferenças entre agnósticos, ateus e adeptos de uma religião.

Gráfico 3 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina e enfermagem da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo a vida sexual ativa e a religião-Período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

Com relação ao local de moradia 87 estudantes de enfermagem moram com os pais ou familiares, o que representa 58,8% do total desse grupo. Outros 23,0% moram com colegas, 11,5% moram com outras pessoas não especificadas e apenas 6,8% moram sozinhos.

Os estudantes de medicina em maior proporção (45,1%) mora com colegas, 24,4% moram com os pais ou familiares, 24,4% moram sozinhos e apenas 4,9% moram com outra pessoa não especificada.

Tabela 4 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, *Campus Cajazeiras*, segundo com quem mora - período 2015.2.

Com quem mora	CURSOS					
	Enfermagem		Medicina		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Colega	34	23,0	37	45,1	71	30,9
Outro	17	11,5	4	4,9	21	9,1
Pais/Familiares	87	58,8	20	24,4	107	46,5
Sozinho	10	6,8	20	24,4	30	13,0
Não responderam	-	-	1	1,2	1	0,4
Total Geral	148	100,0	82	100,0	230	100,0

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

A maioria dos alunos dos dois grupos (46,5%) mora com os pais ou familiares, tendo um peso maior neste resultado os alunos de enfermagem (58,8%) e menor peso os de medicina (24,4%). Morando com colegas há um número significativo de alunos, sendo expressivo o percentual (30,9%) do total dos dois grupos. Há alunos (13,0%) morando sozinhos e 9,1% morando com outro não especificado.

Como verificado no estudo de Souza et al. (2007) 91% dos universitários entrevistados residiam com familiares e diziam ter uma boa relação com estas pessoas. O bom relacionamento familiar, principalmente com os pais, ajuda a ter um comportamento sexual de menor risco, uma vez que a presença dos pais atua como fator inibidor da iniciação sexual precoce.

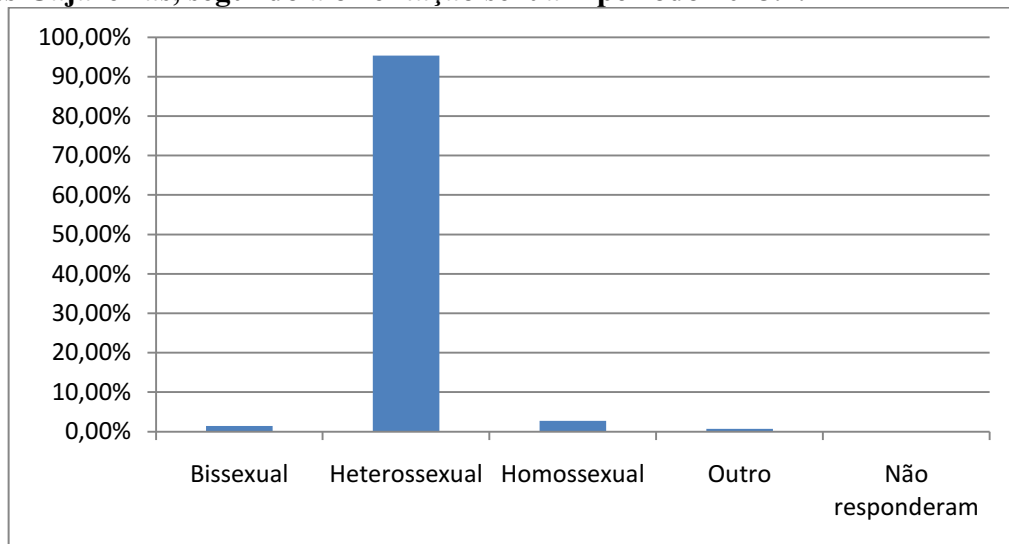
5.2 SEXUALIDADE DOS ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE

A transição da adolescência (17 anos) para as faixas etárias adultas jovens (18 a 21; 22 a 25) é um período em que predomina a preocupação com o emprego e com a vida profissional, ao mesmo tempo em que se exercita a vida sexual, que no Brasil, como no resto do mundo, tem se iniciado precocemente.

Para conhecer o comportamento sexual dos estudantes universitários da área de saúde da UFCG e identificar as precauções por eles utilizadas para o exercício de uma sexualidade segura e, considerando que estes estudantes têm maior acesso às informações sobre a sexualidade humana e seus riscos, apresenta-se as tabelas e gráficos que mostram o comportamento sexual da população pesquisada.

Como se observa no Gráfico 4, a heterossexualidade é a característica principal dos estudantes de enfermagem com uma proporção majoritária sobre as demais orientações sexuais. A homossexualidade é a orientação de um reduzido percentual de estudantes e a bissexualidade também. A opção sexual “outro” aparece em 0,7% das respostas.

Gráfico 4 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de enfermagem da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo a orientação sexual - período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

De acordo com o Gráfico 5, a heterossexualidade também é a característica predominante dos estudantes de medicina, com um percentual elevado sobre as demais orientações sexuais declaradas. A homossexualidade tem um percentual reduzido de estudantes, assim como a bissexualidade. Não responderam 1,2% dos entrevistados.

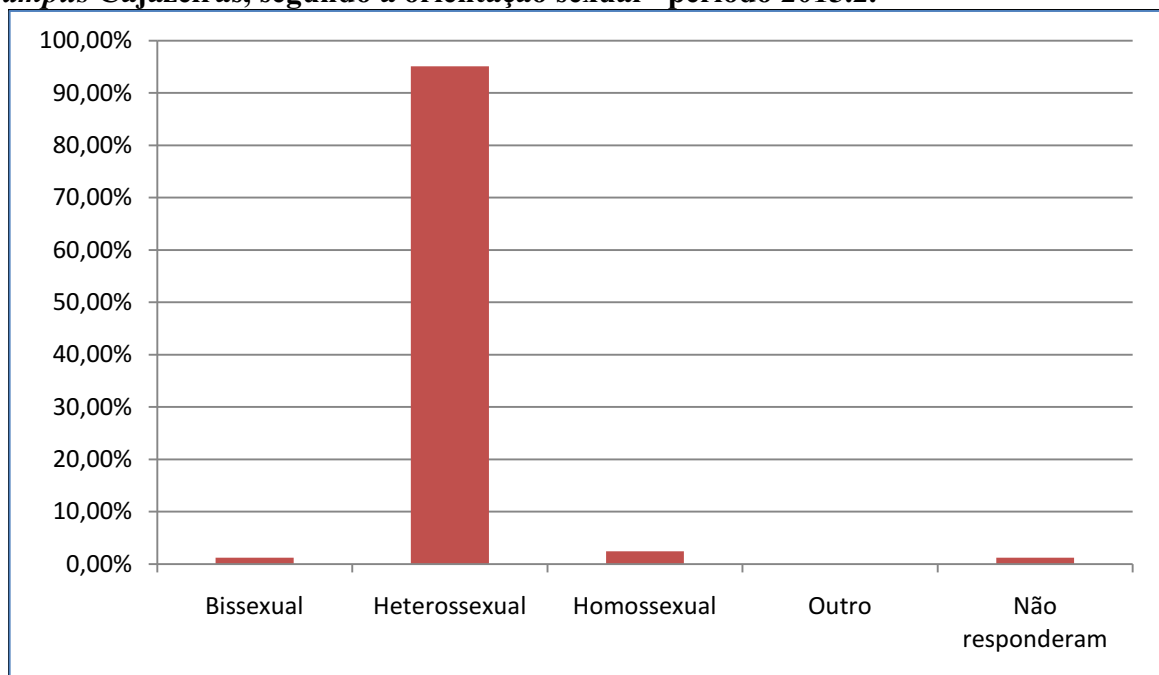
Um estudo realizado na Universidade Evangélica do Paraná revelou que 95% dos entrevistados se declararam heterossexual. Vale ressaltar que esta pesquisa envolveu diversos cursos como medicina, medicina veterinária, psicologia e gestão ambiental (COSTA; CARDOSO, 2012).

Até bem pouco tempo atrás, o sexo com pessoas do mesmo gênero (homossexuais) era visto com grande preconceito, tendo havido, ao longo de séculos de história humana, forte repressão moral e social a estas relações sexuais. A bissexualidade era tida como aberração, totalmente fora dos padrões socialmente aceitos e estabelecidos, não sendo tolerados.

Na atualidade, os comportamentos homossexual e bissexual são mais tolerados pela sociedade. No entanto, Bissaco (2009), em sua monografia, mostra que no contexto universitário, os alunos homo/bissexuais muitas vezes tem de esconder a sua orientação sexual para evitar conflitos de micro poderes entre eles e os veteranos heterossexuais. Isso pode ser a explicação para o baixo número de alunos homo/bissexuais que compõem os cursos de enfermagem e medicina da UFCG – CZ como revelam os Gráficos 4 e 5.

Outra possibilidade de explicação para os dados apresentados nos gráficos 4 e 5 é o fato de estes cursos estarem inseridos no sertão nordestino, um ambiente fortemente influenciado pela cultura machista de que o comportamento homossexual deve ser fortemente reprimido.

Gráfico 5 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo a orientação sexual - período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

Com relação à iniciação sexual dos alunos de enfermagem e medicina os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 5.

A primeira relação sexual para 12 alunos (as) de enfermagem (8,1% do grupo de estudantes de enfermagem) foi com um amigo e ocorreu precocemente na faixa etária de 11 a 15 anos (5 alunos) e na faixa de 16 a 20 anos (5 alunos). Estes números correspondem a 41,7% para cada uma das faixas etárias nessa modalidade de iniciação sexual informada pelo grupo de estudantes de enfermagem.

Com o namorado a primeira relação sexual para 91 alunos de enfermagem (61,5% do grupo), que responderam afirmativamente, aconteceu na faixa de 11 a 15 anos (11 alunos) e na faixa 16 a 20 anos (67 alunos). Acima de 25 anos apenas 3,3% dos 91 alunos que tiveram a primeira relação com o namorado. Vale ressaltar que um dos entrevistados não especificou com quantos anos foi a sua primeira relação sexual apesar de afirmar que foi com o(a) namorado(a).

A primeira experiência sexual com outro parceiro não especificado, para 9 alunos de enfermagem, foi também entre 11 a 15 anos (4 casos) e entre 16 e 20 anos (5 casos). Vale destacar que dos 148 alunos de enfermagem entrevistados, apenas 3 (2,0%) tiveram a primeira relação sexual a partir dos 25 anos de idade.

Um total de 11 alunos teve a sua primeira relação sexual com um (a) amigo (a), o que corresponde a 13,4% do total de alunos de medicina. Destes 11 alunos, a primeira relação sexual com amigo (a) aconteceu com 3 alunos (as) de medicina (27,3%) na faixa etária de 11 a 15 anos e, para alunos na faixa de 16 e 20 anos, a iniciação com um (a) amigo (a) aconteceu para 7 deles (63,6%). Apenas 9,1% teve sua iniciação sexual com um (a) amigo (a) entre 21 - 25 anos. Não se registrou iniciação sexual acima dos 25 anos para este grupo de alunos.

Foi com o namorado (a) que aconteceu a primeira relação sexual para 29 alunos (as) de medicina que corresponde a 35,4% do grupo e aconteceu na faixa de 11 a 15 anos para 10 alunos (34,5%) e na faixa de 16 a 20 anos para 19 alunos (65,5%).

A primeira experiência sexual com outro parceiro não especificado, para 13 alunos (as) de medicina (15,8%), foi também entre 11 a 15 anos (7 alunos – 53,8%) e entre 16 e 20 anos (6 alunos – 46,2%).

Na faixa entre 21 e 25 anos apenas um aluno teve a primeira experiência sexual com um amigo (a), nove alunos tiveram a primeira relação com o namorado (a) e três tiveram com outro parceiro não identificado. Vale destacar que dos 82 alunos de medicina entrevistados, nenhum teve sua iniciação sexual a partir de 25 anos.

Nos dois grupos de estudantes investigados, a iniciação sexual predominante foi com o namorado (a), correspondendo a 131 investigados, representando 56,9% do total. O que se depreende dos dados totais coletados é que os estudantes, tanto homens como mulheres, tiveram uma iniciação sexual precoce entre 11 e 15 anos (17,4%) e entre 16 a 20 anos (45,2%).

Costa e Cardoso (2012), em seu estudo, mostram que cerca de 71% dos jovens universitários apresentam vida sexual ativa com a primeira relação sexual acontecendo em média aos 16 anos. Já Sant'Anna (2008) mostra que, dos estudantes universitários pesquisados, 85,3% tinham vida sexual ativa, sendo a primeira relação sexual, em média, aos 17 anos. Estes dados corroboram com os desta pesquisa mostrando que a iniciação sexual dos universitários ocorre de maneira precoce, sendo a primeira relação sexual antes dos 20 anos.

Sobre o tipo de parceiro sexual na primeira relação sexual, Souza et al. (2007) encontraram resultados semelhantes ao deste estudo pois prevaleceu o(a) namorado(a) como o primeiro parceiro sexual, o que reforça os dados deste estudo.

Tabela 5 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, informando com quem foi a primeira relação sexual - período 2015.2.

Quantos anos na primeira relação	Amigo (a)				Amigo Total		Namorado (a)				Namorado Total		Outro (a)				Outro Total		Não responderam				Não responderam Total		Total Geral					
	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina	Enfermagem	Medicina		
IDADE	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
11 - 15 anos	5	41,7	3	27,3	8	34,8	11	12,1	10	25,0	21	16,3	4	40,0	7	41,0	11	40,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40	17,4
16 - 20 anos	5	41,7	7	63,6	12	52,2	67	73,6	19	47,5	86	64,8	5	50,0	6	35,0	11	40,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	104	45,2	
21 - 25 anos	2	16,7	1	9,1	3	13,0	9	9,9	9	22,5	18	14,3	1	10,0	3	18,0	4	14,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25	10,9	
26 - 30 anos	-	-	-	-	-	-	3	3,3	-	-	3	2,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1,3	
Não responderam	-	-	-	-	-	-	1	1,1	2	5,0	3	2,3	-	-	1	6,0	1	3,7	35	15,2	14	6,1	49	21,30	53	23,0				
Total Geral	12	100,0	11	100,0	23	100,0	91	100,0	40	100,0	131	100,0	10	100,0	17	100,0	27	100,0	35	15,2	14	6,1	49	21,30	230	100,0				

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

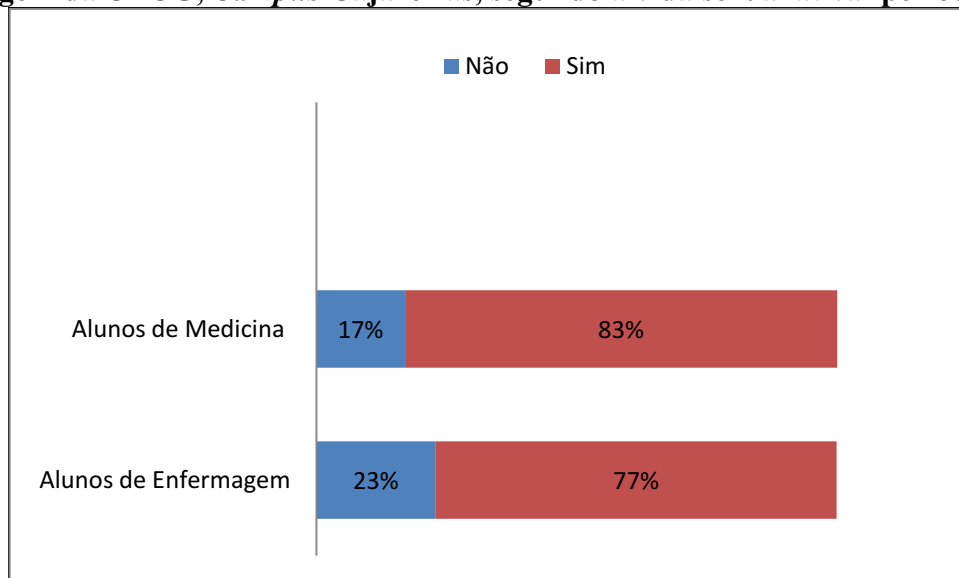
Ao se averiguar a vida sexual ativa dos alunos de medicina e enfermagem, observam-se os dados apresentados no Gráfico 6.

A atividade sexual é fortemente influenciada pela cultura e, principalmente, pelos estímulos visuais e auditivos emanados principalmente das mídias. Neste aspecto, os programas de televisão, as propagandas, as revistas, os sites e outras mídias, colaboram com frequência para o apelo sexual aos homens e às mulheres. O uso da imagem de um homem ou de uma mulher, apresentada de forma sensual, é um apelo forte para despertar a sexualidade precocemente e para vender um produto (CRUZ et al., 2008).

Por isso é muito elevado o percentual de pessoas com vida sexual ativa na nossa sociedade e, como vimos na Tabela 5, a atividade sexual começa precocemente tanto para homens como para mulheres. O Gráfico 6 confirma o elevado percentual de alunos dos dois grupos com vida sexual ativa.

O estudo de Costa e Cardoso (2012) revelou que o número de estudantes universitários com vida sexual ativa é elevado, correspondendo a 71%, corroborando com os dados encontrados na população estudada nesta pesquisa.

Gráfico 6 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina e enfermagem da UFCG, *Campus Cajazeiras*, segundo a vida sexual ativa- período 2015.2.

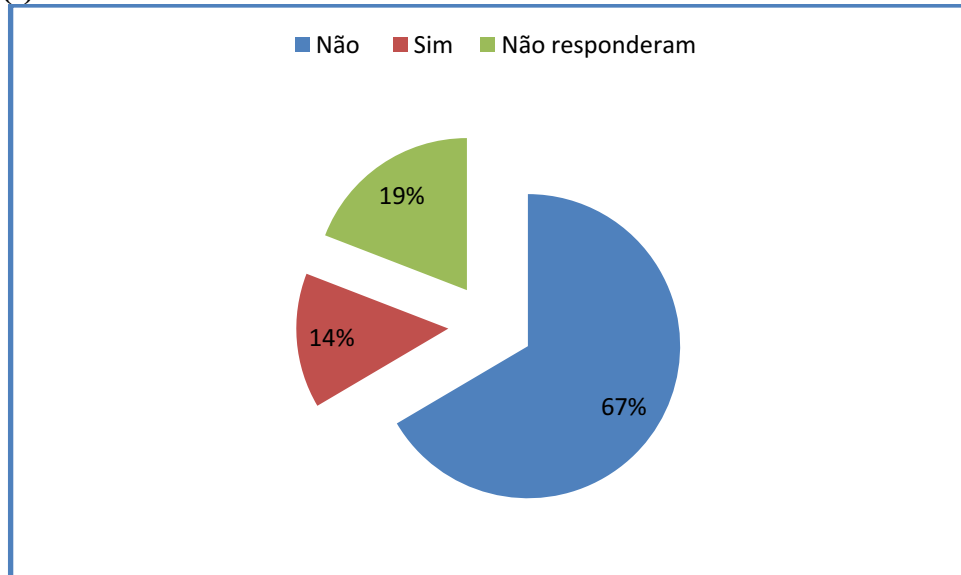


Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

Conforme mostrado no gráfico 7, a maioria dos estudantes (67%) não pergunta sobre os hábitos sexuais dos seus parceiros, enquanto apenas 14% perguntam e 19% não responderam à questão por não terem iniciado a vida sexual. Embora não haja garantia de que,

ao perguntar ao parceiro sobre os seus hábitos sexuais, este vá responder com sinceridade, é importante a atitude de perguntar.

Gráfico 7 – Porcentagem de estudantes pesquisados no curso de enfermagem e medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, se pergunta sobre os hábitos sexuais de seu(s) parceiro(s). Período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores.

O Ministério da Saúde (2016) alerta que as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, e que uma pessoa infectada pode transmitir a infecção pelo contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, para outra pessoa.

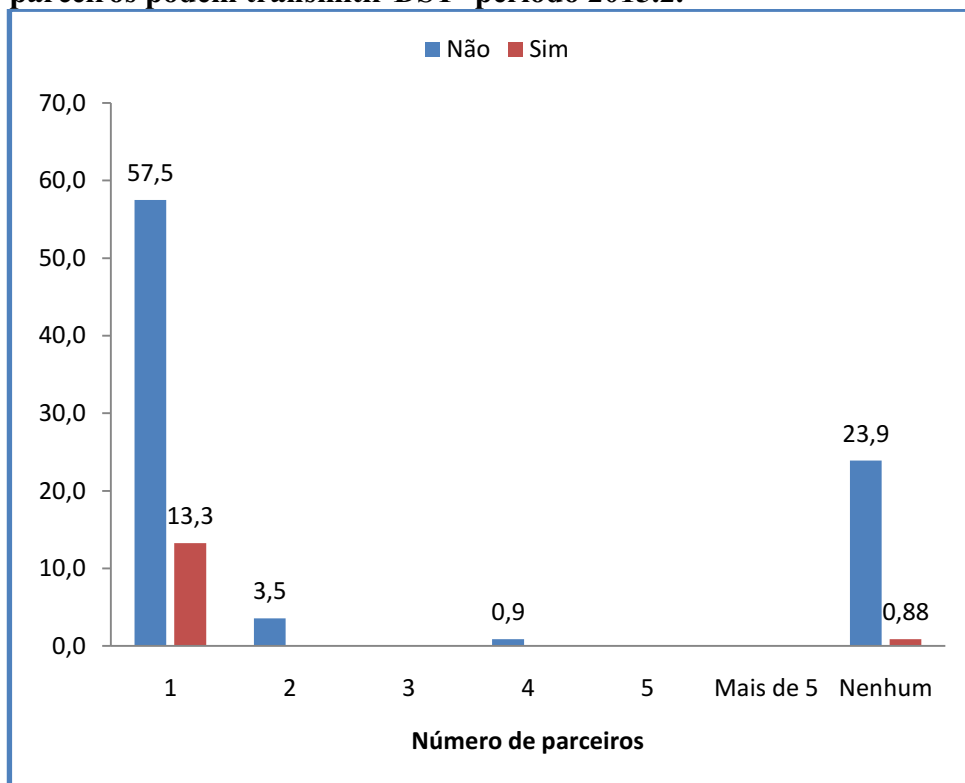
De acordo com o Ministério da Saúde (2016) a terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas da doença.

As infecções sexualmente transmissíveis são AIDS, Cancro mole (cancroide), Condiloma acuminado (Papilomavírus Humano - HPV), Doença Inflamatória Pélvica (DIP), Donovanose, Gonorreia e infecção por Clamídia, Hepatites virais, Herpes genital, Infecção pelo HTLV, Linfgranuloma venéreo (LGV), Sífilis e Tricomoníase.

Os estudantes de enfermagem e medicina conhecem estas infecções e sabem da sua gravidade, têm informações sobre as modalidades de contágio, os riscos de contraí-las por uma vida sexual ativa e promíscua, a necessidade de exames em uma unidade de saúde e sabem quais as medidas de prevenção e tratamento das IST's.

O Gráfico 8 apresenta a porcentagem de estudantes de enfermagem pesquisados, que revelaram o número de parceiros sexuais e consideram que estes parceiros podem transmitir IST, indicando que os estudantes tem consciência do risco. Nesta questão predominou a opinião de que relações sexuais com um parceiro não podem transmitir IST (57,7%). Os que concordam que mesmo com um parceiro é possível contrair uma IST foi de 13,3%.

Gráfico 8 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem da UFCG, Campus Cajazeiras, que revelaram o número de parceiros sexuais e consideram que os parceiros podem transmitir DST- período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

Ainda assim, com todas as informações disponíveis, há alunos (as) que mantêm relações sexuais com dois ou mais parceiros e consideram que não há risco de transmissão de IST nessas relações sexuais. Entretanto, é muito reduzido o percentual dos estudantes com essa opinião. Ao que se pode supor, esse reduzido número de estudantes de enfermagem mantém relações sexuais com seus parceiros da forma que considera segura.

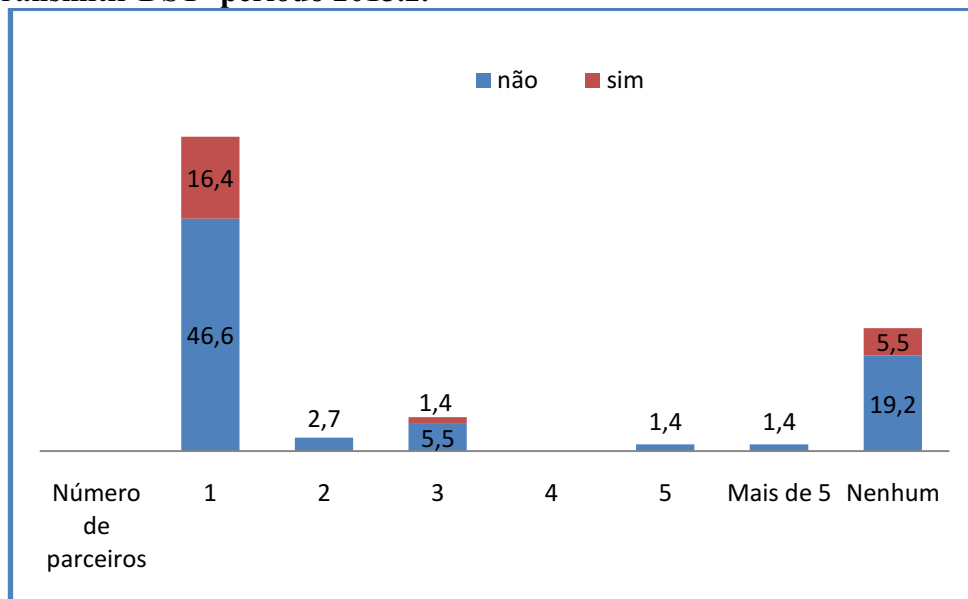
Ao contrário, os que não têm nenhum parceiro, 23,9% consideram improvável a possibilidade de transmissão de IST na ausência de parceiros sexuais.

Os riscos de contrair uma IST com um parceiro está eliminado para 46,6% dos estudantes de medicina, conforme mostra o Gráfico 9. Entretanto, 16,4% consideram que este risco existe sim. Os alunos que mantêm relações sexuais com mais de um parceiro, embora

em proporção reduzida, consideram que não há este risco. Apenas 1,4% de alunos que se relacionam com 3 parceiros admitiram haver risco de contrair uma IST.

O Gráfico 9 revela que os estudantes de medicina estão relativamente despreocupados com relação a não contrair IST's nas relações sexuais.

Gráfico 9 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, que revelaram o número de parceiros sexuais e consideram que eles podem transmitir DST- período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

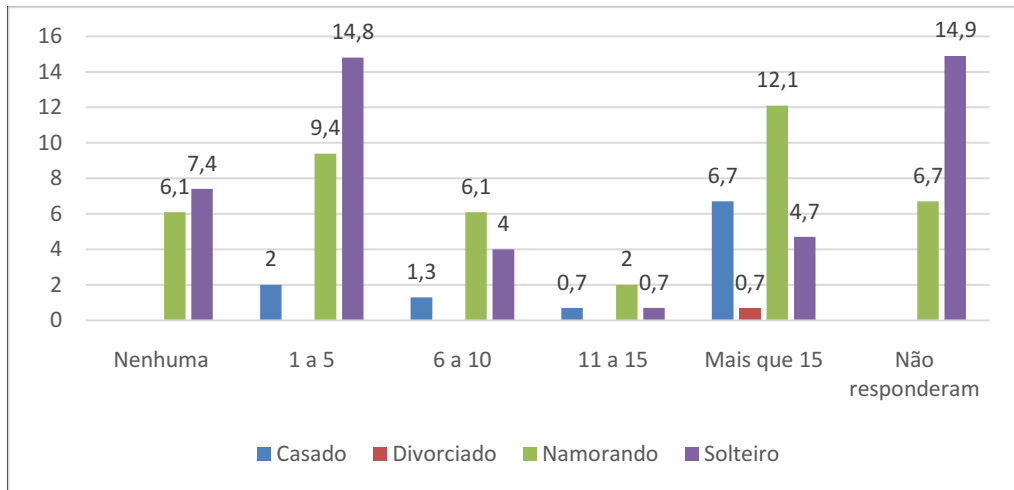
Quanto a quantidade de vezes em que os estudantes tiveram relações desprotegidas em todas as situações de estado civil, o Gráfico 10 é revelador desta questão para o curso de enfermagem, enquanto o gráfico 11 o é para o curso de medicina.

Percebe-se que nos dois cursos pesquisados, os que em nenhuma vez tiveram relações sexuais desprotegidas são proporcionalmente em menor número. Para o curso de enfermagem 6,1% para namorados e 7,4% para solteiros enquanto que para o curso de medicina 7,3% para namorados e 13,4% para solteiros.

Para ambos os cursos, os casados estão entre os que praticam sexo não seguro, tendo mais de 15 relações sexuais desprotegidas. Este dado pode ser explicado pelo fato de que a cultura da monogamia faz com que os casados abandonem o uso regular do preservativo. Percebe-se ainda que solteiros e namorados também adotam o principal comportamento sexual de risco, a relação sexual desprotegida.

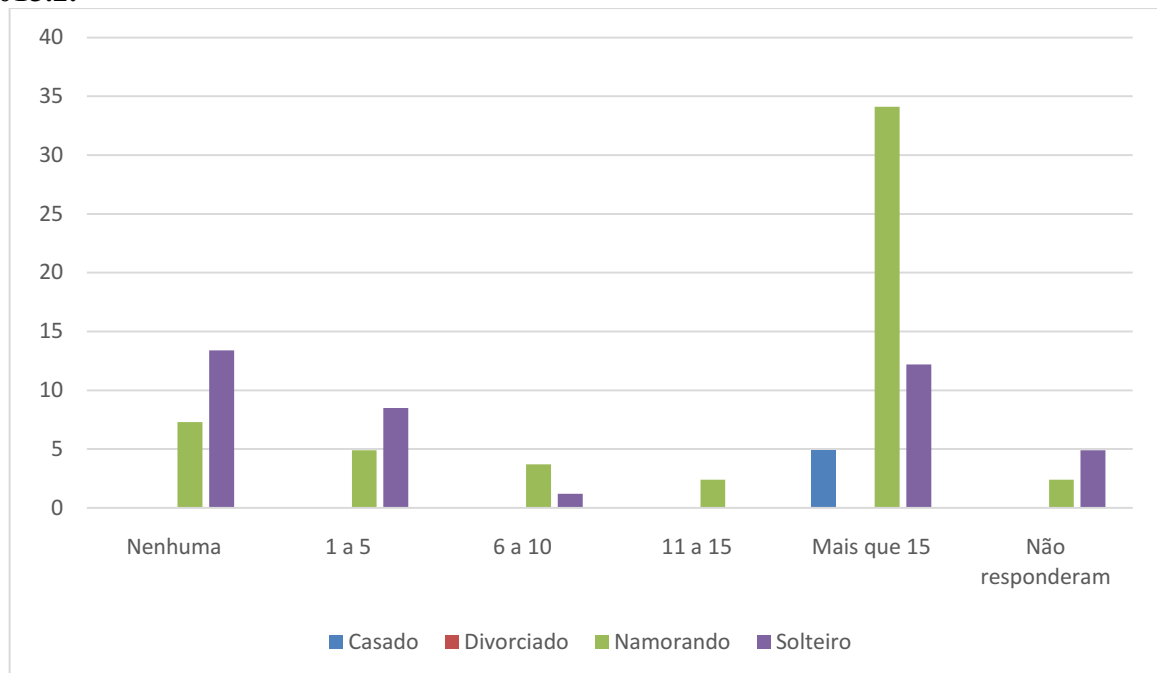
Dentre os riscos que expõem os estudantes às IST/AIDS, está a quantidade de parceiros sexuais que os expõem a vírus e bactérias, especialmente quando há a prática de sexo desprotegido.

Gráfico 10 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem da UFCG, Campus Cajazeiras, que tiveram relações sexuais desprotegidas e estado civil. Período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

Gráfico 11 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, que tiveram relações sexuais desprotegidas e estado civil. Período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

A Tabela 6 mostra o número e percentual de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, *Campus* Cajazeiras, segundo o número de relações sexuais desprotegidas e risco específico por categoria de estado civil, evidenciando os percentuais específicos para cada uma dessas categorias.

Tabela 6 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, *Campus Cajazeiras*, segundo o número de relações sexuais desprotegidas por categorias do estado civil- período 2015.2.

Número de relações sexuais desprotegidas	Estado civil/ curso																							
	Casado				Divorciado				Namorando				Solteiro				Total Geral							
	Enfermagem		Medicina		Casado Total		Enfermagem		Divorciado Total		Enfermagem		Medicina		Namorando Total			Enfermagem		Medicina		Solteiro Total		
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº		
0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	14,3	6	13,3	15	13,8	11	16,2	11	33,3	22	21,8	37
1 a 5	3	18,7	-	-	3	15,0	-	-	-	-	-	14	22,2	4	8,8	18	16,7	22	32,3	7	21,2	29	28,7	50
6 a 10	2	12,5	-	-	2	10,0	-	-	-	-	-	9	14,3	3	6,7	12	11,1	6	8,8	1	3,0	7	7,0	21
11 a 15	1	6,2	-	-	1	5,0	-	-	-	-	-	3	4,7	2	4,4	5	4,6	1	1,5	-	-	1	1,0	7
Mais que 15	10	62,6	4	100,0	14	70,0	1	100,0	1	100,0	18	28,6	28	62,2	46	42,7	7	10,3	10	30,3	17	16,8	78	
Não responderam	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	15,9	2	4,44	12	11,1	21	30,9	4	12,1	25	24,7	37
Total Geral	16	100,0	4	100,0	20	100,0	1	100,0	1	100,0	63	100,0	45	100,0	108	100,0	68	100,0	33	100,0	101	100,0	230	

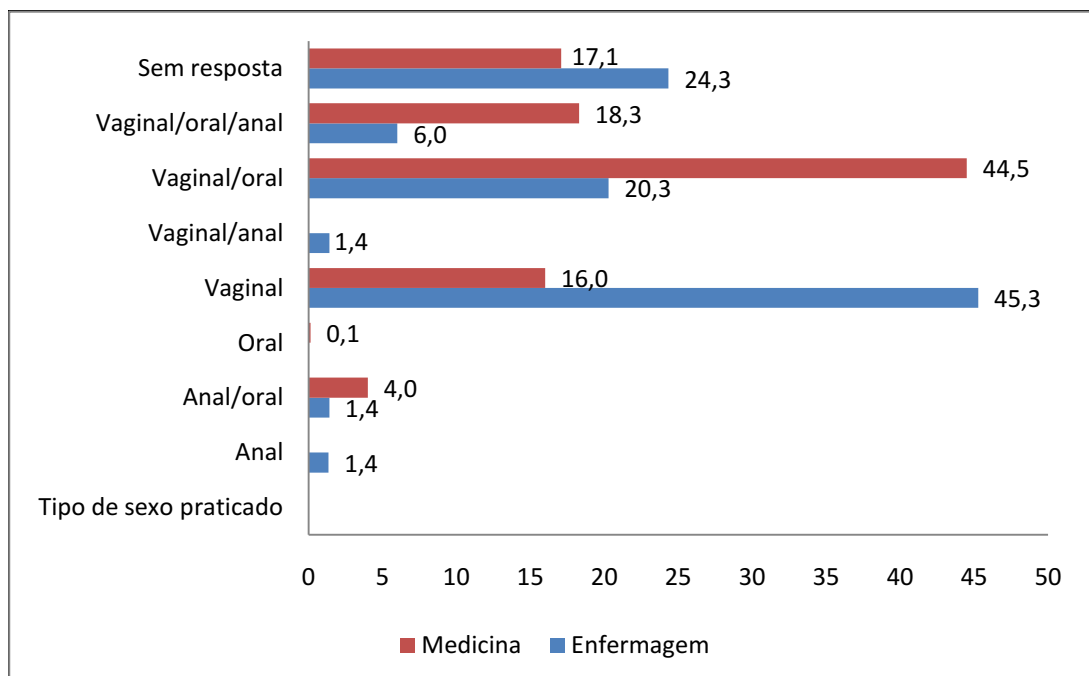
Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

Nota-se que os casados podem estar extremamente expostos a contrair IST's e HIV uma vez que 81,3% têm relações sexuais sem camisinha (mais de 6 relações sexuais desprotegidas), e nesse grupo predominam os que têm mais de 15 relações desprotegidas (62,6%). Os namorados e solteiros, igualmente, constituem uma parcela de investigados de alto risco pelo número elevado de entrevistados que adotam o principal comportamento sexual de risco (mais de 6 relações desprotegidas), respectivamente 58,4% e 24,8%.

O ato sexual tem como consequência, além do prazer, uma troca de fluidos humanos (saliva, sêmen, secreções vaginais) o que colabora para a transmissão de diferentes microorganismos patogênicos, incluindo síndromes virais, entre as quais o HIV/Aids, cuja transmissão depende da prática sexual realizada sem proteção (BRASIL, 2010).

O tipo de sexo praticado pode aumentar o risco de infecção por vírus e bactérias quando praticado de forma não segura. O sexo vaginal e o anal apresentam um grande risco para ambos os parceiros, quando um deles não mantém a prática de um parceiro fixo, ou se relaciona com vários parceiros sem camisinha. O sexo oral também trás riscos, mas com menor intensidade, porém, se houver a ocorrência de lesões na boca este risco é aumentado.

Gráfico 12 – Porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de medicina e enfermagem da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo o tipo de sexo praticado. Período 2015.2.



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

O gráfico 12 revela o tipo de relações preferidas dos estudantes de medicina e enfermagem, respectivamente vaginal/oral (44,5%) e vaginal (45,3). Entre os estudantes de

medicina estão presentes outras práticas sexuais como a vaginal/oral/anal (18,3%) e vaginal (16%).

O tipo de relações praticadas pelos estudantes de enfermagem que são as práticas sexuais vaginal/oral/ (20,3%), vaginal/anal/oral (6%) e 24,3% não responderam.

Observa-se na Tabela 7 que os estudantes que mais se expõem às infecções são os que têm relações sexuais sem camisinha (59,8%), seja por penetração vaginal, oral, ou anal.

Tabela 7– Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, que fazem sexo sem camisinha - período 2015.2.

Curso	Fazem sexo sem camisinha						Total Geral	
	Não		Sim		Não responderam			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Enfermagem	22	9,5	96	41,7	30	13,1	148	64,3
Medicina	18	7,8	59	25,7	5	2,2	82	35,7
Total Geral	40	17,3	155	64,7	35	15,3	230	100,0

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

Cerca de 17% responderam que não fazem sexo sem camisinha, o que é um número reduzidíssimo considerando a quantidade de parceiros sexuais declarados e os tipos de relações praticadas pelo conjunto dos estudantes. Entre os estudantes de enfermagem 64,8% não se protege com camisinha, enquanto entre os estudantes de medicina o risco é maior, considerando que 71,9% não usam camisinha em suas relações sexuais. É importante destacar que os estudantes que não fazem sexo sem camisinha têm percentuais reduzidos entre os alunos de enfermagem (14,8%) e de medicina (21,9%).

Vale ressaltar que minoritariamente os estudantes da área de saúde fazem uso do preservativo nas relações sexuais e, com maior frequência, têm relações sexuais sem o uso da camisinha, mesmo sabendo que as pessoas que usam preservativos têm menos probabilidade de contrair IST's e AIDS.

Os alunos do curso de enfermagem e medicina demonstraram possuir múltiplas relações sexuais desprotegidas conforme pode ser visualizado na Tabela 8.

De acordo com o Ministério da Saúde (2016) o diagnóstico da infecção pelo HIV é feito a partir da coleta de sangue, mediante exames laboratoriais e testes rápidos, que detectam os anticorpos contra o HIV em até 30 minutos, colhendo uma gota de sangue da ponta do dedo. Esses testes são realizados gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS),

nas unidades da rede pública. Os exames podem ser feitos inclusive de forma anônima. Portanto não fazer o teste de HIV é evidente displicência consigo mesmo e com os seus parceiros.

Tabela 8 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, segundo o número de relações sexuais desprotegidas e se fez teste de HIV - período 2015.2.

Relações desprotegidas	FEZ TESTE DE HIV						Total geral	
	Não Nº	%	Sim Nº	%	Não responderam Nº	%	Nº	%
ENFERMAGEM	80	34,78	54	23,47	14	6,08	148	64,33
Nenhuma	12	5,22	8	3,48	-	-	20	8,7
1 a 5	24	10,43	15	6,52	-	-	39	16,95
6 a 10	11	4,78	6	2,6	-	-	17	7,39
11 a 15	3	1,30	2	0,87	-	-	5	2,17
Mais que 15	15	6,52	20	8,7	1	0,43	36	15,65
Não responderam	15	6,52	3	1,3	13	5,65	31	13,47
MEDICINA	39	16,95	43	18,69	-	-	82	35,67
Nenhuma	13	5,65	4	1,74	-	-	17	7,39
1 a 5	5	2,18	6	2,64	-	-	11	4,83
6 a 10	2	0,86	2	0,86	-	-	4	1,74
11 a 15	-	-	2	0,86	-	-	2	0,86
Mais que 15	15	6,52	27	11,73	-	-	42	18,25
Não responderam	4	1,74	2	0,86	-	-	6	2,64
Total	114	51,73	97	42,16	14	6,08	230	100

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

Apesar dos riscos envolvidos, 80 estudantes de enfermagem, correspondendo a 34,78% da amostra pesquisada e 39 estudantes de medicina, correspondendo a 16,95% dos entrevistados não fizeram o teste de contágio pelo HIV. Por outro lado, 97 dos 230 estudantes, correspondendo a um percentual de 42,2% da amostra pesquisada, fizeram testes de contágio pelo HIV, conforme mostra a Tabela 9.

Tabela 9 – Número e porcentagem de estudantes pesquisados nos cursos de enfermagem e medicina da UFCG, Campus Cajazeiras, que realizaram teste de HIV/Aids - período 2015.2.

Realizaram teste de HIV	Enfermagem		Medicina		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
SIM	54	23,5	43	18,7	97	42,2
NÃO	80	34,8	39	16,9	133	51,7
NÃO RESPONDERAM	14	6,1	-	-	14	6,1
Amostra pesquisada	148	64,4	82	35,6	230	100,0

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo pelos autores

A pesquisa realizada por Costa e Cardoso (2012) corrobora com os dados apresentados na tabela 9, uma vez que o seu estudo revelou que 74% dos estudantes universitários entrevistados nunca realizaram teste de HIV/AIDS.

Esta pesquisa revela que os jovens universitários investigados têm uma vida sexual desordenada, com muitos parceiros e/ou praticam sexo sem o uso de preservativos. De acordo com os percentuais encontrados na pesquisa há, da parte dos estudantes da área de saúde nesta Universidade, um maior nível de negligência nas relações sexuais, em que pese ser um público mais bem informado a respeito do assunto. Estão estes estudantes, portanto, vulneráveis às infecções por IST's e HIV, com inúmeras consequências para a vida pessoal, social e profissional.

6 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, como ficou demonstrado, a iniciação sexual ocorreu entre os 11 e os 15 anos, tanto para estudantes de medicina como para os de enfermagem.

A pesquisa revelou também que os estudantes da área de saúde têm uma certa promiscuidade em suas relações sexuais, pelo grande número de parceiros sexuais.

Essa promiscuidade relaciona-se, além dos apelos midiáticos, com a influência de outros jovens e também com o fato de muitos se distanciarem dos seus familiares e, conseqüentemente, passarem a viver sem a orientação de um responsável. A pesquisa identificou que este fato faz parte da realidade dos estudantes de medicina, e menos dos estudantes de enfermagem.

Apesar de haver o conhecimento por parte dos estudantes da área de saúde quanto a importância do uso de preservativos para a prevenção das IST's, muitos universitários praticam sexo sem o uso da camisinha, aumentando os riscos de infecção e de transmissão de IST's ou de uma gravidez indesejada.

As ciências médicas têm alertado para o fato de que o tipo de prática sexual pode propiciar uma maior ou menor exposição às infecções pelas IST's. Os estudantes investigados parecem não ter consciência desse fato, pois praticam sexo com um grande número de parceiros e, geralmente, não optam pelo uso do preservativo.

Por outro lado, o tipo de relação sexual pode tornar mais exposto o indivíduo aos riscos de se infectar, uma vez que algumas práticas são mais suscetíveis às infecções bacterianas ou viróticas.

A pesquisa revelou que os estudantes universitários não se protegem adequadamente, nem tomam os devidos cuidados com os seus parceiros. Esta afirmativa é uma alerta também para os casados que devem ter uma maior preocupação com seus conjuges, uma vez que a pesquisa revelou que os casados mantêm relações sexuais desprotegidas.

Vale destacar que a pesquisa revelou um baixo percentual de universitários que usam preservativos nas relações sexuais com diversos parceiros, ficando expostos aos riscos de uma relação sexual desprotegida.

Os comportamentos revelados por este estudo indicam que, mesmo lidando com estudantes universitários da área de saúde, há necessidade de reforçar as campanhas sobre as práticas sexuais seguras, maior divulgação sobre os riscos, maior necessidade de se proteger e proteger o parceiro sexual.

Esta medida reduziria muito os riscos de contrair IST's ou uma gravidez indesejada na população jovem, além do impacto que causaria no Sistema Único de Saúde.

REFERÊNCIAS

ALVES, Z. **Religião e Sexualidade: Reflexões Sobre Igrejas Inclusivas na Cidade de São Paulo**. Artigo. Goiania: UFG, Campus II, 2009. Disponível em http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art__religi%C3%A3o_sexualidade.pdf. Acesso em 02/06/2016.

BISSACO, Z. J. **Os oprimidos saem do armário: uma análise territorial da homossexualidade nos alojamentos masculinos da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa, 2009.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Pesquisa com seres humanos. Disponível em < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 14/07/2014.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília, 2010. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, n. 26.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Portal sobre aids, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais. Brasília, 2016. Disponível em < <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-sao-dst>>. Acesso em 02/06/2016.

CARDOSO FILHO, F. A. B. et al. Perfil do Estudante de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2013. **Revista brasileira de educação médica**. V 39, N 1. P 32-40. 2015.

COSTA, R. W. da; CARDOSO, F. S.: Avaliação do comportamento sexual de jovens universitários e do seu nível de conhecimento sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. **Revista Eletrônica da Faculdade Evangélica do Paraná**, Curitiba, v. 2, n. 2, p.2-21, abr. 2012.

COUTINHO, R. Z.; MACHADO, C. J.; MIRANDA-RIBEIRO, P. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência: meio século de pesquisas. **Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR. 2011.

CRUZ, P. P. et al. Culto ao corpo: as influências da mídia contemporânea marcando a juventude. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST48/Cruz-Nilson-Pardo-Fonseca_48.pdf

CRUZEIRO, A. L. S. et al. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**. 15(Supl. 1):1149-1158, 2010

FERREIRA, M. M. S. R. S.; TORRAL, M. C. L. F. P. R. Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 3, p.589-592, 2011.

GOMES, A. I. C. S. **Comportamentos sexuais de risco: um estudo com estudantes universitários**. 2008. 152 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Psicologia, Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2008.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas – SP: Editora Alínea. 4 ed. 2007.

HOGA, L. A. K. et al. Religiosity and sexuality: counseling provided by brazilian protestant pastors. **Sexual & reproductive healthcare**. São Paulo, v. 4, n. 1, p. 57 – 63, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas. 5 ed. 2008.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas. 7 ed. 2010.

MARIANO, F. P. A família patriarcal contemporânea. **Anais do V Encontro Internacional Ufes/ Paris-est**. Espírito Santo, p.429-439, 2016.

MENEZES, A. F.; SANTOS, E.: Sexo e Religião: um estudo entre jovens evangélicos sobre o sexo antes do casamento. **Clínica & Cultura**. v. 2, n. 1, p 82 – 94, 2013.

NEVES, M. C. S. **Atitudes e comportamentos sexuais dos estudantes universitários**. 2010. 84 f. Tese (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2011.

O'BRIEN, T. R.; SHAFFER, N.; JAFFE, H. W.: Transmissão e Infecção do Vírus do HIV. **eHealth Latin America**, 2000. Disponível em <http://www.bibliomed.com.br/bibliomed/bmbooks/infec/livro7/cap/cap01.htm>. Acesso em 28/06/2016.

PAIVA, V. et al. **Uso de preservativos: Pesquisa Nacional MS/ IBOPE, Brasil 2003**. Disponível em <http://www.ip.usp.br / portal/images/stories/Nepaids/Relatrios/uso_de_preservativos.pdf>. Acessado em 06/08/2014.

REIS, M.; MATOS, M. G. Contracepção em jovens universitários portugueses. **Análise Psicológica**, Lisboa, n. , p.71-79, 2008.

SALDANHA, A. A. W. et al. Comportamento sexual e vulnerabilidade à AIDS: um estudo descritivo com perspectiva de práticas de prevenção. **Jornal Brasileiro Doenças Sexualmente Transmissíveis**, João Pessoa, n.20 , p.36-44, 2008.

SANT'ANNA, M. J. C. et al. Comportamento Sexual Entre Jovens Universitários. **Adolescência & Saúde**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.52-56, jul. 2008.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4.ed. revisão atualizada, Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P.; **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). Métodos de Pesquisa Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31 – 42.

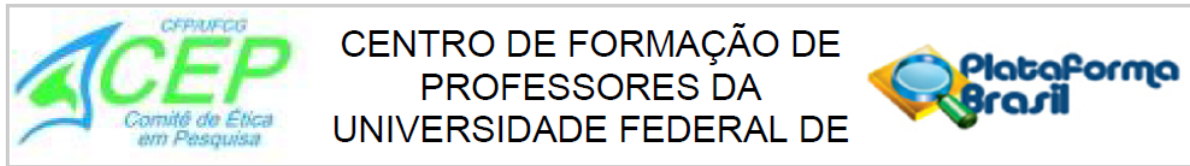
SOUZA, F. G.; DE BONA, J. C.; GALATO, D. Comportamento de jovens de uma universidade do sul do brasil frente à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **DST – Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. V 19, n 1. P 22-29. 2007.

WETTERICH, N. C.; MELO, M. R. A. C. Perfil sociodemográfico do aluno do curso de graduação em enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**. V 15, n 3. 2007.

XAVIER, A. C. M. **Comportamento sexual de risco na adolescência: aspectos familiares associados**. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE MEDICINA DE CAJAZEIRAS - PB

Pesquisador: Emmanuelle Lira Cariry

Área Temática: Reprodução Humana (pesquisas que se ocupam com o funcionamento do aparelho reprodutor, procriação e fatores que afetam a saúde reprodutiva de humanos, sendo que nessas pesquisas serão considerados "participantes da pesquisa" todos os que forem afetados pelos procedimentos delas):
(Reprodução Humana que não necessita de análise ética por parte da CONEP.);

Versão: 2

CAAE: 37577614.7.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 965.880

Data da Relatoria: 25/02/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa intitulado AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE MEDICINA DE CAJAZEIRAS PB, 37577614.7.0000.5575 e sob responsabilidade de Emmanuelle Lira Cariry trata de uma pesquisa do tipo exploratória-descritiva, a ser realizado nas Instituições de Ensino Superior (IES) do município de Cajazeiras – PB que ofertam cursos de graduação em Medicina, a saber, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Faculdade Santa Maria (FSM).

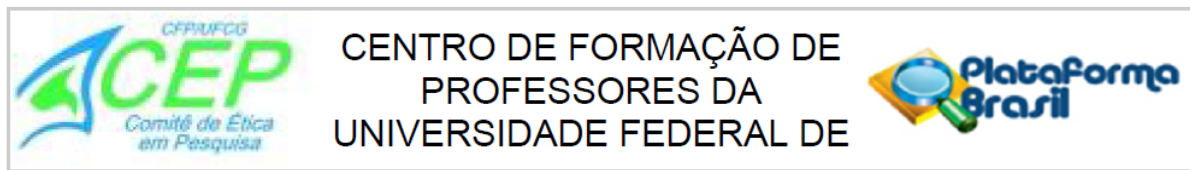
Objetivo da Pesquisa:

O projeto AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE MEDICINA DE CAJAZEIRAS PB tem por objetivo principal de Analisar o comportamento sexual de jovens universitários estudantes dos cursos de Medicina de Cajazeiras - PB.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios do projeto de pesquisa foram especificados adequadamente.

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br



Continuação do Parecer: 965.880

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE MEDICINA DE CAJAZEIRAS - PB é importante e os métodos especificados estão adequados à proposta do trabalho.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos estão apresentados de forma adequada. O autor da pesquisa Emmanuelle Lira Cariry redigiu e apresentou de forma correta os seguintes itens: Termo de Consentimento Livre e Espontâneo, folha de rosto, carta de anuência, cronograma, orçamento e demais documentos necessários à aprovação do projeto de pesquisa.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando o que foi exposto, sugerimos a APROVAÇÃO do projeto AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE MEDICINA DE CAJAZEIRAS - PB, número 37577614.7.0000.5575 e sob responsabilidade de Emmanuelle Lira Cariry .

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

CAJAZEIRAS, 26 de Fevereiro de 2015

Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador)

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Nós, Murilo Augusto Moreira, Emerson Tiago Silva de Oliveira, Zildete Vieira Pedrosa e Emmanuelle Lira Cariry, responsáveis pela pesquisa **AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE**, estamos fazendo um convite para você participar como voluntário deste nosso estudo. Esta pesquisa pretende analisar o comportamento sexual de jovens universitários da Região do Alto Sertão Paraibano. Acreditamos que ela seja importante porque pretende entender o comportamento sexual de jovens universitários.

Para sua realização será feito o seguinte: aplicação um questionário estruturado já validado e com algumas modificações para atender a algumas necessidades do estudo formado por perguntas objetivas e subjetivas que abordarão aspectos sociodemográficos, psicossociais e sexuais. Para assegurar o anonimato dos participantes o questionário, já respondido, será depositado em uma urna lacrada que será aberta apenas quando todos os questionários forem coletados.

Sua participação constará de responder, com sinceridade, as perguntas deste questionário. Os benefícios que esperamos com o estudo são identificar os comportamentos sexuais de risco dos estudantes universitários dos cursos de Medicina e Enfermagem da UFCG.

É importante esclarecer que, caso você decida não participar, basta informar aos pesquisadores a sua decisão. Você será respeitado e em nenhum momento coagido a participar do estudo. Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa. Você tem garantido o seu direito de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Eu, _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expressei minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário ou de seu representante legal

Murilo Augusto Moreira
muras.augusto@hotmail.com

Emerson Tiago Silva de Oliveira
emerson_tiago@hotmail.com

Zildete Vieira Pedrosa
zildetepedrosa@hotmail.com

Emmanuelle Lira Cariry
emmanuelle.lira@gmail.com

APÊNDICE B - Instrumento de Coleta de Dados

Este questionário se propõe a coleta de informações pertinentes ao comportamento sexual de jovens universitários. É necessário que você seja sincero em todas as suas respostas.

Obrigado por sua colaboração!

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

1. Idade: _____ 2. Período: _____ 3. Sexo: () M () F
4. Curso: _____
5. Estado Civil: () solteiro () namorando () casado () divorciado () viúvo
6. Orientação sexual: () heterossexual () homossexual () bissexual () outro
7. Com quem você mora? () sozinho () colega () pais/familiares () outro
8. Religião: _____ Praticante: () Sim () Não

QUESTIONAMENTOS INERENTES AO TEMA DA PESQUISA

9. Já iniciou a vida sexual? () S () N
10. Com quem foi sua primeira relação sexual? () namorado () amigo () outro _____
11. Com quantos anos foi a primeira relação sexual? _____
12. Quantas relações você tem por mês? () 0 () 1 - 5 () 6 - 10 () 11 - 15 () mais que 15
13. Você pratica sexo: () vaginal () anal () oral
14. Quantos parceiros sexuais você tem? () nenhum () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () mais de 5
15. Você considera que algum dos parceiros pode transmitir DST? () S () N
16. Você pergunta sobre os hábitos sexuais de seu(s) parceiro(s)? () S () N
17. Faz uso de algum método contraceptivo? () S () N Qual? _____
18. Já fez sexo sem camisinha? () S () N
19. Quantas vezes já fez sexo sem camisinha? () 0 () 1 - 5 () 6 - 10 () 11 - 15 () > 15
20. Já realizou teste diagnóstico de HIV/AIDS? () S () N